

>> *Temática Especial 3*

## Entrevista com Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares – Visões do campo acadêmico-científico brasileiro sobre o racismo no esporte/futebol e ações antirracistas

Antonio Jorge Gonçalves Soares<sup>1</sup>

Cristiano Mezzaroba<sup>2</sup>

### Resumo:

Entrevista realizada com o Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares, por Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT-CNPq), em outubro de 2024, para compor a seção temática Educação antirracista e futebol.

**Palavras-chave:** *Antonio Jorge Gonçalves Soares. Racismo. Esporte. Futebol. Educação antirracista.*

### Interview with Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares – Visions of the brazilian academic-scientific field on racism in sport/football and anti-racist actions

**Abstract:** Interview conducted with Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares, by Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT-CNPq), in October 2024, to compose the thematic section *Anti-racist Education and Football*.

**Keywords:** *Antonio Jorge Gonçalves Soares. Racism. Sport. Football. Anti-racist education.*

### Entrevista con el Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares – Visiones del campo académico-científico brasileño sobre el racismo en el deporte/fútbol y acciones antirracistas

**Resumen:** Entrevista realizada con el Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares, por Cristiano Mezzaroba (UFS/INCT-CNPq), en octubre de 2024, para componer la sección temática Educación antirracista y fútbol.

**Palabras clave:** *Antonio Jorge Gonçalves Soares. Racism. Sport. Football. Anti-racist education.*

---

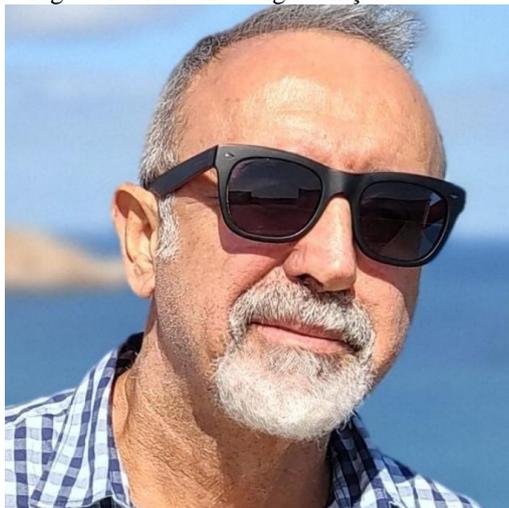
<sup>1</sup> Doutor em Educação Física (Universidade Gama Filho), Professor Titular (aposentado) no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRJ) e Professor Visitante Sênior no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRN). E-mail: [ajgsoares@gmail.com](mailto:ajgsoares@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7769-9268>.

<sup>2</sup> Doutor em Educação (UFSC), Professor da Universidade Federal de Sergipe e Bolsista PDE/CNPq, Coordenador da Linha Mídias, Torcidas e Movimentos antirracistas no futebol (INCT/CNPq). E-mail: [cristiano\\_mezzaroba@yahoo.com.br](mailto:cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

## 1 Entrevista

O Professor Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares vem atuando, atualmente, como Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Aposentado) e como Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (desde agosto de 2023). Realizou estágio de Pós-doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Departamento de Fundamentos da Educação (2018-2019) e na Universidade do Porto-FADE-UP (2007-2008). É professor voluntário do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRJ), na linha de Pesquisa “Políticas Públicas e Instituições Educacionais”, e professor colaborador do Programa em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha “Estudos Pedagógicos e Socioculturais da Educação Física”. Atuou como líder (2008-2020) do Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo-CNPq (LABEC), e é membro-pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa de Educação e Sociedade Contemporânea-UFSC, do Núcleo de Estudos sobre a Educação dos Sentidos e das Sensibilidades/NUPES, da FAE/UFMG e do PROTEORIA-UFES. Foi membro titular do Comitê Científico do GT 14 – Sociologia da Educação da ANPED (2013-2015; 2015-2017; 2020-atual). Atua como Consultor *Ad-Hoc* na Área de Educação-CAPES (2015-atual). É Bolsista Produtividade PQ-CNPq desde 2005 e Cientista do Nosso Estado com financiamento (2012-2015; 2015-2018; 2019-atual). Orientou e orienta trabalhos de conclusão de curso, iniciação científica, especialização, dissertações de mestrado, teses de doutorado e estágio de pós-doutorado. É autor de artigos científicos, livros, capítulos de livros e artigos de divulgação científica vinculados aos temas da escolarização, da escola de tempo integral, da educação do corpo, da Educação Física escolar e das políticas públicas da educação e do esporte. Atualmente seu projeto de pesquisa trata dos debates públicos e educacionais que envolvem os temas étnico-raciais, racismo e antirracismo, políticas identitárias e modalidades de educação diferenciada. Roteirista e Produtor do documentário “Rosa do Quilombo”<sup>3</sup>.

Figura 1 – Antonio Jorge Gonçalves Soares



Fonte: Antonio Jorge Gonçalves Soares (2024)

<sup>3</sup> Disponível em: <https://youtu.be/POv5dfRSDgE>.

**Cristiano Mezzaroba (CM):** Inicialmente gostaríamos de pedir que você, de forma abrangente, apresente e contextualize a sua trajetória acadêmica e profissional e, ao fazer isso, procure mobilizar quanto a uma possível aproximação na relação com o futebol/esporte e o racismo, e, atualmente, em relação à tua atuação (estudos, pesquisas, ações) quanto a uma educação antirracista.

**Antonio Jorge (AJ):** Minha trajetória acadêmica e profissional tem sido marcada por uma abordagem interdisciplinar, com foco nas relações raciais, na educação e no futebol como fenômeno cultural de grande relevância no Brasil. O interesse pela temática racial começou a se intensificar durante a minha formação, especialmente ao perceber como o esporte – em particular, o futebol – pode ser visto como um espaço que tanto reflete quanto reproduz as desigualdades sociais e raciais presentes na sociedade brasileira.

Durante meus estudos de pós-graduação, investiguei como o futebol brasileiro, um dos maiores símbolos de identidade nacional, está intrinsecamente ligado à questão racial. A partir da análise de obras como “O Negro no Futebol Brasileiro”, de Mário Filho, e de outros textos clássicos da sociologia e da antropologia, comecei a perceber que o futebol não apenas promoveu a inclusão de jogadores negros, mas também foi palco de um processo complexo de preconceito e de localização do “lugar” do negro em nossa sociedade. A minha pesquisa de doutorado, posteriormente transformada em vários artigos e capítulos de livro, questionou a apropriação acadêmica acrítica do debate jornalístico sobre o racismo no futebol tratados historicamente, propondo uma análise mais crítica e multifacetada sobre a noção de “democracia racial” no Brasil.

Essa fase da minha carreira acadêmica consolidou meu interesse pelas interações entre raça, identidade e cultura popular, e isso se refletiu em uma série de artigos e orientações de teses e dissertações que abordaram, sob diferentes perspectivas, por exemplo, a questão do racismo à brasileira. Um ponto de destaque em minha trajetória foi a parceria com Bruno Otávio Abrahão, que aprofundou as investigações sobre o racismo no futebol. Bruno foi orientado por mim em sua dissertação de 2006, intitulada “Uma leitura do ‘racismo à brasileira’ a partir do futebol”, e na tese de doutorado de 2010, “O preconceito de marca e a ambiguidade do racismo à brasileira no futebol”. Esses trabalhos ampliaram o debate iniciado na minha tese de doutorado, enfocando as ambiguidades e complexidades do racismo no contexto brasileiro, especialmente no futebol. Juntos, realizamos importantes contribuições para o entendimento das nuances do preconceito racial no futebol, resultando em publicações que discutem a ambiguidade do racismo à brasileira, onde as tensões entre discriminação e integração social se manifestam de maneiras particulares no esporte.

**CM:** Como você observa o momento contemporâneo, tanto no Brasil como no mundo, em relação ao racismo?

**AJ:** O momento contemporâneo, tanto no Brasil quanto no mundo, revela uma crescente visibilidade e conscientização sobre a questão do racismo, impulsionada por um volume significativo de denúncias, a expansão de legislações antirracistas e o fortalecimento de políticas institucionais e públicas que visam combater essa forma de discriminação. Essa conjuntura demonstra que o debate sobre raça e racismo não apenas entrou na agenda política e social, como também passou a ocupar um lugar de destaque no Brasil e em diversos países na Europa e nos Estados Unidos.

O volume crescente de denúncias de racismo, o fortalecimento das legislações e políticas públicas antirracistas, e a maior visibilidade na mídia de casos de discriminação racial indicam que esse debate entrou definitivamente na agenda pública. No entanto, esse reconhecimento é apenas o primeiro passo para uma transformação mais profunda. O racismo continua a moldar as desigualdades em diferentes contextos, e o desafio agora é garantir que as políticas e ações não sejam meramente simbólicas, mas resultem em mudanças reais e duradouras.

A mobilização popular, impulsionada pelos movimentos sociais e pela conscientização das novas gerações, tem o potencial de pressionar as instituições e os governos para que não apenas reconheçam o racismo, mas também atuem ativamente para eliminá-lo com políticas de justiça social. Dessa forma, o atual momento oferece tanto uma oportunidade quanto uma responsabilidade: a de construir sociedades mais justas, que não apenas reconheçam as mazelas do racismo como permanência de uma maldita herança colonial, mas combatam ativamente todas as formas de racismo.

**CM:** Em relação ao futebol de modo específico, como você analisa as situações que envolvem o racismo?

**AJ:** Escrevi recentemente um texto sobre racismo no futebol, com o exemplo de Vinícius Jr. Essa é uma das formas como o racismo se manifesta no esporte moderno e as contradições que isso gera em uma sociedade teoricamente meritocrática em termos normativos. O futebol, que se popularizou como um esporte acessível a todas as camadas sociais, mesmo que os grandes clubes tivessem barreiras a incorporação de negros e pobres. No entanto, à medida que se profissionalizou e se tornou uma indústria do entretenimento, passou a depender dos talentos oriundos das camadas populares, muitos deles negros, obviamente.

Apesar de muitos jogadores negros alcançarem o topo da carreira esportiva, se tornando milionários e famosos por seu desempenho, eles continuam sendo vítimas de racismo. Isso ocorre porque a sociedade de classes não conseguiu romper com as estruturas de casta herdadas do velho mundo, que associam cor da pele a um *status* social inferior. Assim, mesmo que um jogador negro atinja sucesso financeiro e profissional, ele ainda é visto como pertencente a uma “casta inferior”.

Esse contraste entre o sucesso financeiro e o tratamento discriminatório revela que, embora o futebol moderno aparente ser um espaço de igualdade sob suas regras, as práticas sociais continuam permeadas por preconceitos raciais. As injúrias raciais no futebol também são usadas como uma estratégia para desestabilizar o adversário, mas essa ação por si só reforça hierarquias sociais existentes no imaginário social. A realidade é que a sociedade ainda discrimina com base na cor da pele, mesmo em um ambiente em que o mérito aparece supostamente como critério principal de avaliação.

**CM:** Você tem percebido a existência de alguma(s) ação(ões) antirracistas em relação ao futebol brasileiro e mundial? Em caso afirmativo, poderia comentar sobre tais ações, ou seja, como você analisa essas mobilizações antirracistas no futebol?

**AJ:** O crescente barulho e repercussão que as denúncias de racismo no futebol e em outras esferas da sociedade têm alcançado são sinais claros de que a sociedade está reagindo de forma mais ativa e institucionalizada contra essas práticas discriminatórias. Esse avanço pode ser

atribuído a vários fatores. Primeiramente, o aumento da consciência coletiva sobre o racismo, promovido por movimentos sociais como o *Black Lives Matter* e as discussões sobre diversidade e inclusão nas mídias, tem gerado uma maior sensibilização pública.

Além disso, as redes sociais desempenham um papel crucial na amplificação das denúncias, permitindo que os casos de racismo ganhem visibilidade global quase instantaneamente, como no caso de Vinícius Jr. Isso pressiona instituições esportivas, governos e até mesmo corporações a tomarem medidas imediatas para punir os infratores e adotar políticas de antirracismo mais contundentes.

As próprias instituições esportivas internacionais, como a FIFA e a UEFA, vêm sendo cada vez mais desafiadas a adotar medidas proativas, como campanhas educativas e sanções mais rigorosas para clubes e torcedores envolvidos em comportamentos racistas. Essa reação institucional pode ser vista também em mudanças nas legislações de muitos países, que endurecem as penalidades para crimes de ódio e discriminação racial.

O fato de atletas de alto nível estarem usando sua visibilidade para denunciar o racismo, como fez Vinícius Jr., contribui para que essas questões ganhem ainda mais força. Ao exporem os atos de racismo que enfrentam, eles não apenas se posicionam como defensores dos direitos humanos, mas também fazem com que o debate sobre racismo transcenda o âmbito esportivo e se torne uma discussão mais ampla sobre igualdade de status na sociedade.

O impacto das denúncias de racismo, amplificado por mídias tradicionais e digitais, somado às reações cada vez mais firmes de governos e entidades esportivas, indica que há um movimento crescente de intolerância à discriminação racial. Isso reflete uma mudança importante na forma como a sociedade lida com essas questões, sinalizando que o racismo, antes muitas vezes silenciado ou ignorado, está cada vez mais sendo enfrentado em vários setores da sociedade e de forma contundente.

**CM:** Com base no seu envolvimento no campo acadêmico-científico, como você tem observado e analisado como a universidade tem se posicionado diante das questões étnico-raciais, nas suas três dimensões que envolvem ensino, pesquisa e extensão?

**AJ:** Na área de pesquisa, as agências de fomento têm incentivado e financiado estudos sobre as relações raciais, com ênfase na história e nas dinâmicas sociais que perpetuam as desigualdades raciais. Há um esforço crescente para que pesquisadores negros e indígenas tenham acesso a bolsas de pesquisa e sejam incentivados a desenvolver trabalhos sobre suas próprias comunidades e realidades, valorizando seus pontos de vista e saberes. Além disso, o surgimento de núcleos de estudos afro-brasileiros e indígenas (como os NEABs) tem sido um espaço relevante para o aprofundamento de temas relacionados ao racismo, direitos humanos, e a história e cultura afrodescendente, proporcionando um ambiente de pesquisa inclusivo e voltado à promoção da equidade racial. No ensino, as universidades vêm implementando políticas de ação afirmativa, como as cotas raciais, que buscam democratizar o acesso ao ensino superior. Na extensão, projetos de educação antirracista e de articulação com comunidades étnicas (quilombolas, indígenas, ciganos) são implementados com apoio de órgãos e agências governamentais. Destaco que a antropologia foi e continua sendo uma ponta de lança na direção tanto de estudos quanto de apoio e visibilidade dessas populações vulneráveis.

**CM:** Como você analisa o papel do poder público e do Estado em relação à temática do racismo/antirracismo?

**AJ:** Essa pergunta é muito ampla e já pontuei nas respostas anteriores como o Estado vem agindo, tanto do ponto de vista legislativo, quanto da implementação de políticas que visam mitigar a desigualdade de oportunidades dessas populações vulnerabilizadas.

**CM:** Qual(is) referências teóricas foram lhe aproximando da temática sobre raça/etnia e lhe auxiliaram a pensar a respeito dessa temática que hoje é considerada imprescindível a qualquer área de formação?

**AJ:** O debate racial no Brasil é extremamente complexo, envolvendo teóricos nacionais e internacionais que exploram o racismo em suas múltiplas dimensões. Autores como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Clóvis Moura, Sueli Carneiro, Kabengele Munanga, Florestan Fernandes, bem como Antonio Sérgio Guimarães, Jessé de Sousa e uma série extensa de autores contemporâneos destacam o racismo e a segregação histórica das populações negras no país. Fernandes, por exemplo, traz em sua argumentação na época que a abolição da escravatura no Brasil não foi suficiente para integrar os negros como cidadãos plenos, perpetuando sua exclusão social e econômica. No âmbito internacional, intelectuais como Frantz Fanon, Du Bois, Stuart Hall, Angela Davis, Patricia Hill Collins e atualmente Nancy Fraser e outros autores expandem o debate ao conectar raça, classe e gênero de forma interseccional, examinando as dinâmicas globais do racismo e suas consequências nas sociedades contemporâneas. Norbert Elias, com o conceito de “outsiders” e estabelecidos, também oferece uma lente crítica para compreender como grupos marginalizados, como as populações negras (mesmo não sendo o enfoque desse autor), são excluídos das esferas de poder e participação social mesmo estando em determinadas situações igualadas economicamente, reforçando sua condição de alteridade. Enfim, há uma biblioteca interminável para tratar esse tema aqui e acolá.

**CM:** E hoje, com a experiência que você tem, tanto na condição de pesquisador, como também de professor, quais obras sugeriria para quem quiser adentrar e se aprofundar na temática étnico-racial?

**AJ:** Respondi acima. Tem várias entradas para tratar esse tema como questão de estudo, é difícil dar uma receita. Na verdade, uma questão de estudo nasce da tensão entre as perguntas feitas pelo pesquisador e as aproximações sucessivas que faz em relação à literatura.

**CM:** Gostaria de sugerir filmes, séries ou documentários que ajudam a ampliar o repertório de conhecimentos sobre o racismo?

**AJ:** Temos hoje uma filmografia rica sobre esse tema em várias plataformas digitais, desde filmes que tratam como o nazismo instrumentalizou o genocídio racial na Segunda Grande Guerra até filmes que problematizam a questão racial e suas ambiguidades, como por exemplo Revelações (2003), com Anthony Hopkins, baseado no livro de Philip Roth “A Marca

Humana”. Temos vários documentários na Netflix, como o clássico filme “Hotel Ruanda” (2004), dirigido por Terry George, que aborda o tema do racismo ao retratar o genocídio ocorrido em Ruanda em 1994. O conflito entre as etnias hutus e tutsis é uma das consequências históricas do colonialismo europeu, que exacerbou e consolidou divisões raciais e étnicas em muitas partes da África. Temos uma filmografia extensa sobre o tema porque essa não é uma questão bem resolvida ainda hoje. “Dei um *Google*” para lembrar e esses filmes que já assisti “saíram”: “Selma” (2014) – Dirigido por Ava DuVernay; “Malcolm X” (1992) – Dirigido por Spike Lee; “Mississippi em Chamas” (1988) – Dirigido por Alan Parker; “12 Anos de Escravidão” (2013) – Dirigido por Steve McQueen; “*Green Book: O Guia*” (2018) – Dirigido por Peter Farrelly.

**CM:** Deixamos este espaço para palavras finais sobre a temática do dossiê – Educação antirracista e futebol.

**AJ:** O racismo no futebol e na sociedade entraram na agenda das políticas públicas e isso é bom. Como dizia Hannah Arendt, a pluralidade significa que vivemos em um mundo compartilhado com outros seres humanos, e que não podemos escolher com quem compartilhar esse espaço. É essa pluralidade a essência da política, pois estamos inevitavelmente conectados com os outros, com suas diferenças, ideias, e formas de vida.

### **Contribuições da autoria**

Antonio Jorge Gonçalves Soares: Entrevistado.

Cristiano Mezzaroba: Elaboração das questões; Revisão; Formatação do texto.

**Data de submissão:** 16/10/2024

**Data de aceite:** 16/10/2024